

ANÁLISE

Quando os universitários saem à rua

Os protestos dos estudantes universitários contra a guerra em Gaza estão a alastrar-se pelos EUA e Europa. Portugal não ficou imune a este movimento. Em Lisboa e Porto estão a decorrer acampamentos, em diferentes universidades, onde se reivindica o cessar-fogo imediato e o corte de relações entre as instituições portuguesas e Israel. Olhando para a história, há outros momentos em que os estudantes abanaram o sistema. Os americanos protestaram contra a guerra no Vietname, os portugueses contra a guerra colonial. Os anos 1960 foram ricos em movimentos estudantis a favor da paz e da liberdade. Quem não se lembra do “slogan”: “Make love, not war?” Mas será que o idealismo da juventude tem poder para mudar o estado das coisas? Quem participou nesses protestos acredita que sim.



T

endas, sacos-cama, água e comida. Os estudantes universitários que estão a ocupar faculdades em protesto contra a guerra em Gaza, estão munidos de tudo o que precisam para não arredar pé. A alemã Sophia Kelsch, estudante de doutoramento em Estudos Internacionais e investigadora no Centro de Estudos Internacionais (CEI) do Iscte-IUL, faz parte deste movimento de estudantes em Portugal que exige um cessar-fogo imediato e o corte de relações entre as instituições portuguesas e Israel.

“A minha motivação [para participar nos protestos] resulta de um profundo sentido de justiça e humanidade. E, por vezes, é-me difícil compreender como é que nem todos os estudantes sentem o mesmo. Quase 40 mil pessoas foram assassinadas em Gaza!”, sublinha. A sua investigação académica centra-se no ativismo através das redes sociais no contexto palestiniano. Nestes acampamentos, Sophia está envolvida especificamente numa equipa de programação de eventos que organizou “várias conversas com académicos e investigadores sobre, por exemplo, a questão do boicote académico [a Israel] e o papel importante que o ativismo representa na academia”. No fundo, diz, “estou a tentar trazer o meu papel de investigadora para este movimento”.

Para a estudante alemã, a academia tem o dever de tomar uma posição nesta guerra. “Enquanto as universidades forem cúmplices do genocídio em curso em Gaza, através, por exemplo, do investimento direto na investigação sobre a tecnologia militar e a

indústria de armamento, ou se estiverem envolvidas em quaisquer parcerias com universidades israelitas, continuarão a ser cúmplices e a normalizar a ocupação israelita, estes crimes horrendos e a limpeza étnica em curso”, acusa.

Os acampamentos de solidariedade com a Palestina tiveram a sua origem nos EUA, na Universidade de Columbia, e foram se alastrando pelo resto do país, tendo atravessado rapidamente as fronteiras. No “mapa mundi”, há cada vez mais pontos a marcar os locais onde os protestos estudantis estão a acontecer por esta causa. O movimento é muito organizado, garante a ativista. Os estudantes estão divididos em equipas – logística, segurança, comunicação, etc. E, em Portugal, juntaram outra reivindicação a este protesto – o fim do fóssil. “O ativismo climático é uma questão muito urgente na minha geração. O nosso acampamento é realizado em colaboração com ativistas da justiça climática – e também graças a eles. Já ocupavam as universidades muito antes” desta causa, explica.

Sophia está envolvida no movimento de solidariedade com a Palestina desde outubro de 2023. É uma das fundadoras do coletivo “Estudantes pela Palestina”, no Iscte. Olhando para o que está a acontecer um pouco por todo o mundo, reforça a ideia de que estes protestos já estão a ter impacto nos EUA e também na Europa. Dá como exemplo a vizinha Espanha, onde todas as universidades anunciaram num comunicado conjunto, há cerca de uma



Os estudantes portugueses também aderiram ao movimento pró-Palestina que está a mobilizar universitários em várias partes do mundo. Os acampamentos e ocupações em faculdades em Lisboa e Porto já suscitaram a intervenção policial. Entre as reivindicações, estão o cessar-fogo imediato em Gaza e o corte de relações de Portugal com instituições israelitas.

Paulo Galvão



Yara Nardi/Routers

semana, a suspensão dos acordos com universidades e centros de investigação israelitas, se o Governo de Israel não acabar de imediato com a guerra em Gaza. Na Irlanda e na Noruega também há declarações semelhantes em várias instituições do ensino superior.

Nestes países, “os estudantes cumpriram os seus objetivos e, por isso, nós estamos muito esperançados e inspirados”, diz Sophia. No entanto, reconhece que “estes objetivos podem não ser alcançados amanhã e que estes movimentos não são lineares.” São, sobretudo, “um processo”. Recorda “o papel histórico do ativismo estudantil, por exemplo, no caso da guerra do Vietname”.

Sophia acredita que estas ações, passo a passo, “podem mudar as agendas dos governos ou de outros atores políticos”. “É claro que não podemos, literalmente, impedir Israel de lançar bombas sobre Gaza ou de invadir Rafah. Mas estamos no início de uma reação em cadeia.”

MAIO DE 1968 “SOLTU” A SOCIEDADE

A psicóloga Milice Ribeiro dos Santos viveu uma experiência semelhante em Paris, no Maio de 1968. Foi para lá poucos meses antes, para se encontrar com o namorado, que fugiu para França antes de ser chamado para a guerra em África. Tinha 23 anos e deixou para trás “um país repressivo, puritano, com pobreza e uma grande taxa de analfabetismo.”

Quando chegou à capital francesa, já havia muita contestação nas ruas contra a guerra do Vietname. E, pouco tempo depois, surgiu o

continua

ID: 111165767

17-05-2024 | WEEKEND

movimento estudantil em Nanterre. Envolveu-se rapidamente e esteve na ocupação da Universidade de Sorbonne, onde dormiu várias noites no Centro de Estudos Portugueses. Esteve também nas barricadas.

Recorda que os estudantes estavam bem organizados e que tudo era debatido. “A Universidade estava aberta dia e noite. Havia debates constantes nos anfiteatros com diferentes temáticas e vieram falar imensos intelectuais franceses, como o Jean-Paul Sartre”. Havia um fervilhar intelectual com “abertura a ideias muito diferentes que surgiam entre maoístas, conservadores, anarquistas... Existiam muitas linhas políticas e havia muita necessidade de contrapor e de refletir sobre novos horizontes”.

Milice fala numa experiência “muito rica”, que a marcou. “Foi um movimento que me trouxe uma consciência de como a revolução se faz no dia a dia, em toda a sua complexidade e numa construção com as pessoas, em processos emancipatórios e solidários”.

Na sua memória tem uma frase que estava escrita numa faculdade e que resume o espírito da época: “a poesia está na rua”. “Eu sentia isso porque havia um ar feliz nas pessoas que estavam envolvidas. Foram 10 milhões de pessoas! A França esteve durante duas semanas sem transportes, sem televisão e com as pessoas a andarem na rua, a viverem o território de outra forma”.

E, afinal, o que queriam os estudantes? “Justiça social”, responde. Este movimento era “contra o capitalismo desenfreado e o consumismo”, mas também contestava “o moralismo que existia”. No fundo, não era “uma luta por reivindicações concretas e económicas”. Tanto os operários que se juntaram ao movimento, como os estudantes, pretendiam “uma mudança na forma de vida, uma mudança de mentalidades”.

Os confrontos com a polícia são um denominador comum nos protestos estudantis ao longo da história. E agora também estão a acontecer nas manifestações contra a Guerra em Gaza. Só nos EUA já foram detidas 2.500 pessoas. No início da semana, a polícia de choque interveio e fez várias detenções numa universidade em Amsterdão.

No dia 9 de maio, Sophia Kelsch também teve uma má experiência quando o reitor da Universidade de Lisboa chamou a polícia ao acampamento, na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. “Os estudantes estavam a ver um filme quando eles chegaram, e oito dos meus companheiros foram detidos. Em solidariedade com eles, organizámos um protesto no exterior da faculdade e, mais tarde, o movimento bloqueou pacificamente a estrada. No entanto, a polícia tornou-se violenta. Foi chocante”, relata.

Sérgio Palma Brito é outro veterano das lutas estudantis. O gestor de empresas no setor do turismo esteve na crise académica de 1962, em Lisboa, e assistiu à “viralização” do Maio de 1968



Getty Images

A guerra do Vietname foi a causa número 1 dos estudantes norte-americanos nos anos 1960 e início dos anos 1970. O movimento desembocou no Festival de Woodstock e no famoso slogan “Make love, not war”.

Sophia Kelsch, doutoranda em Estudos Internacionais, acusa as universidades de serem cúmplices de um genocídio ao terem parcerias com entidades israelitas.

uma festa, sem grandes consequências”. Ironicamente, pode dizer-se que “foi graças à intervenção da polícia que o movimento se expandiu”.

Se houve alguma coisa que a crise académica de 1962 mostrou foi “a rutura da universidade com o regime”. Os estudantes, na altura, eram “os filhos dos privilegiados”. E aqueles que militavam no Partido Comunista “eram de um idealismo total”.

Aquele protesto, que era aparentemente apolítico, tinha, afinal, “um profundo significado político”, porque uma boa parte do movimento estudantil “baseava-se na organização do Partido Comunista clandestino”, afirma. Ele próprio era um militante de base do partido. “O que me levou ao Partido Comunista foi estar farto de ver camponeses e mineiros pobres. Não suportava aquilo.” Acabou por pagar o preço.

“A PIDE seguia-me porque, a partir de 1963, eu comecei a ser responsável pelos contactos internacionais do movimento estudantil e isso era muito comprometedor. Então, em 1965, fui mandado para a 1.ª Companhia Disciplinar de Penamacor como soldado. Era o único político. Os meus camaradas eram todos condenados de delito comum”. Esteve lá quatro meses. Conseguiu desertar e exilou-se na Bélgica.

Na Universidade de Bruxelas, estudou economia e matemática, e continuou ligado ao movimento associativo estudantil. Foi lá que assistiu ao contágio de um outro movimento de estudantes – o Maio de 1968, em Paris.

Sérgio explica que a origem deste movimento, que abanou a

na Universidade de Bruxelas. Também ele testemunhou cenas de carga policial contra estudantes.

“A parte mais violenta do movimento estudantil em Portugal foi entre 1961 e 1965”, recorda. Nessa altura, era aluno do Instituto Superior Técnico. Apesar de estar em curso a guerra colonial, ela não fazia parte dos “slogans” porque “os protestos não podiam ter conteúdo político”. Era o tempo da ditadura, da censura e da PIDE. As palavras de ordem dos estudantes não podiam pôr em causa o Governo. Eram pela “liberdade de associação e pela liberdade para a universidade”. “Mesmo os que eram contra a guerra colonial, como era o meu caso, não o afirmavam em público”.

O ano de 1962 ficou marcado na história do país e na sua memória. Tudo começou quando o Governo proibiu a celebração do Dia do Estudante, a 24 de Março. As associações académicas de Lisboa e Coimbra decretaram luto académico e houve uma contestação nunca antes vista na academia, que incluiu manifestações, greves às aulas, confrontos com a polícia, greve de fome, ocupações, entre outras formas de protesto. Muitos estudantes foram presos.

Sérgio acredita que, se não fosse a carga policial sobre os estudantes, “o movimento estudantil de 1962 teria sido

ID: 111165767

17-05-2024 | WEEKEND

sociedade francesa e ultrapassou fronteiras, vem do outro lado do oceano Atlântico. Foi nos EUA que, no início dos anos 1960, começaram a surgir os movimentos pela paz, sobretudo nas universidades da Califórnia. Depois "surgiu a guerra do Vietname e esse movimento ganhou outra dimensão", desembocando no Festival de Woodstock e no famoso slogan "Make love, not war". O momento alto desse movimento foi a 15 de Novembro de 1969, dia em que decorreu o Moratorium March on Washington, considerado o maior protesto antiguerra da história dos Estados Unidos. Um milhão de pessoas, sobretudo jovens, gritaram em Washington DC pelo fim da guerra.

"Não tenho dúvidas de que as manifestações acabaram com a guerra do Vietname", afirma o escritor norte-americano Richard Zimler. "Não só as dos alunos em universidades como Columbia, Berkeley e Wisconsin, mas as dos adultos também", onde participaram nomes sonantes como Martin Luther King. Também ele esteve lá e assistiu àquela massa de gente que ergueu cartazes a exigir o regresso dos soldados para casa.

"Eu tinha um irmão dez anos mais velho e havia o risco de ele ser recrutado para o exército e ir para a guerra", conta. A família conseguiu um atestado médico e ele ficou livre da tropa. Jerry, o irmão, foi aluno da Universidade de Columbia, "onde existe uma grande tradição de manifestações por questões políticas".

De vez em quando, eu ia ao centro de Nova Iorque para estar com ele e participar também numa manifestação. "Era uma causa muito importante para os jovens norte-americanos naquela altura. A guerra era muito violenta. Morreram cerca de dois milhões de vietnamitas e 50 mil soldados americanos", recorda.

Faz parte da tradição americana os alunos universitários manifestarem as suas perspetivas políticas, por isso não o surpreende o atual movimento pró-Palestina.

Contudo, se há 50 anos os estudantes tiveram força, agora, no caso de Gaza, pode não ser assim. "Há uma diferença muito grande. No Vietname, quem estava a fazer a guerra eram os EUA. As manifestações contra o Governo americano podiam ter um efeito direto e muito decisivo". Neste conflito, "o ator principal é Israel". Claro que os Estados Unidos estão a fornecer armas, por isso também estão a participar neste crime contra a Humanidade. Mas duvido imenso que manifestações nas universidades americanas tenham um efeito direto sobre o Governo israelita. Podem, sim, "ter um efeito sobre a Casa Branca e Biden pode começar a cortar a ajuda a Israel. Mas isso vai acabar com a guerra? Não sei".

OS VENTOS DE CONTESTAÇÃO DA AMÉRICA

Foi essa dinâmica contestativa norte-americana que chegou a Pa-



Getty Images

O Maio de 1968, em Paris, transbordou a academia e mobilizou 10 milhões de pessoas. O movimento abanou a sociedade conservadora francesa e atravessou fronteiras.

"Foi graças à intervenção da polícia que o movimento da crise académica de 1962, se expandiu", diz Sérgio Palma Brito, que fez parte dos protestos, em Lisboa.

ris em Maio de 1968. Nessa altura, Sérgio Palma Brito recorda que, "na Europa e em França, as associações de estudantes estavam adormecidas".

"O 'espírito' que emergiu nos Estados Unidos aparece na Universidade de Nanterre com a figura de Daniel Cohn-Bendit, [um estudante de sociologia alemão], que se tornou o líder espontâneo de um movimento inorgânico, face à União Nacional de Estudantes de França, que era absolutamente burocrática", explica. Foi ele, um rapaz de cabelos ruivos, que agitou a Universidade de Nanterre e que veio para a cidade de Paris, mobilizando os estudantes. "O movimento estudantil perturbou toda a França". E teve impacto porque "abriu o espírito" das pessoas.

As ondas de choque chegaram à Bélgica. A Universidade de Bruxelas "tinha um administrador que dependia do Conselho de Administração e passou a ser administrada por um Conselho de administração paritário, entre professores e não professores, o que me permitiu durante três anos ser eleito para o Conselho de Administração como representante do corpo científico", diz.

Milice Ribeiro dos Santos concorda que o Maio de 1968 não se esfumou no tempo. Há um legado que ficou. "Passou a haver outros valores e outra forma de estar em questões como a família, as relações de casal. E, sobretudo, passou-se para "uma forma de estar na vida mais autêntica, sem falsos moralismos, procurando o bem-estar de todos e a participação das pessoas nas discussões, nas tomadas de poder". Isso prolongou-se no

tempo, sublinha.

Por outro lado, este movimento levou a "experiências de autogestão, por exemplo, nas escolas e a uma consciência das desigualdades sociais" no meio escolar. Até porque "nesta mesma altura saiu um livro que é muito simbólico - "Os Herdeiros", de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, - que estuda como as classes de origem das crianças se repercutem nos seus percursos académicos.

O Maio de 1968 foi também "uma revolta contra a forma como a universidade funcionava". Na sua sequência, houve novas instituições de ensino que surgiram, como a Universidade de Vincennes, que "foi criada para responder às reivindicações dos estudantes. "As aulas tinham de ser todas repetidas ao fim de semana ou à tarde para os estudantes trabalhadores poderem ir às aulas".

Sérgio recorda que, pouco antes do Maio de 1968, "um dos mais ilustres editorialistas franceses escreveu no Le Monde: a França aborrece". Antecipava que algo estava para acontecer. Sem dúvida que os jovens conseguiram agitar as águas.

Agora que os estudantes voltaram às ruas e aos acampamentos nas universidades, Milice espera que também consigam mudar o estado das coisas. "Alguma coisa mexe quando há uma grande contestação". ■